

PAULO EDUARDO GUERRA

**A Presença Italiana em Jau no Início do Século XX:
Origens, Inserção Cultural e Desdobramentos**

JAU - 1999

PAULO EDUARDO GUERRA

**A PRESENÇA ITALIANA EM JAÚ
NO INÍCIO DO SÉCULO XX:
ORIGENS, INSERÇÃO CULTURAL E
DESDOBRAMENTOS**

PAULO EDUARDO GUERRA

**A PRESENÇA ITALIANA EM JAÚ
NO INÍCIO DO SÉCULO XX:
ORIGENS, INSERÇÃO CULTURAL E DESDOBRAMENTOS**

Monografia apresentada ao Departamento de
História das Faculdades Integradas de Jaú

Orientador: Prof. Ms. Fabrício Reinaldo Cerini

Jaú

1999

Guerra, Paulo Eduardo

A imigração italiana para a grande lavoura cafeeira Paulista: Gênese, estruturas e trabalho. Os italianos em Jaú dentro do quadro histórico no início do século XX. Jaú, 1999

Monografia apresentada ao Departamento de História das Faculdades Integradas de Jaú.

1. História

2. Cultura

3. Atualização

FIJ 88

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Romilda Durante Guerra e Isaltino Aparecido Guerra (in memorian) pela formação e pela vida,

Ao Professor Orientador Fabrício Reinaldo Cerini (Mestre) mais do que lições válidas de História, sua paciência e sábia amizade,

À Professora Doutora Flávia Arlanch Martins de Oliveira, pelo incentivo inicial e por sua atuação norteadora na pesquisa da História de Jaú,

Ao Professor Mestre Dirceu Mazotti, pelo apoio irrestrito e por suas contribuições e conselhos valiosos no decorrer desta pesquisa,

À Professora Doutoranda Graziela Lima, por sua presença marcante em minha formação, pelo carinho e respeito demonstrado e por acreditar em minhas potencialidades,

Ao Professor Mestre Marcel Manro, pelas conversas enriquecedoras e por tratar-me como um companheiro de antigas jornadas,

Afinal, todos os professores que direta e indiretamente contribuíram para o fomento desta pesquisa,

Aos funcionários do Arquivo do Museu Municipal de Jaú, Luciana Pessutti, Regis Matielo e Miguel Antônio Neto pela cooperação.

À funcionária, Márcia Álvarez, do Arquivo Histórico da Fundação Educacional de Jaú, pela dedicação e colaboração irrestrita à pesquisa histórica,

À Maria Isabel Ruiz Damasceno, pelo trabalho de digitação e revisão, por dar forma final a este trabalho monográfico, e mais ainda por sua paciência e preciosismo ao acabamento final,

Ao meu irmão, João do Prado Guerra Neto, mais do que um irmão, um segundo pai,

A meu tio, José Alberto Durante, que faleceu recentemente e não pode conhecer a versão final desta monografia,

Aos amigos e pessoas que incentivaram minha escalada rumo a obtenção desta graduação e por este trabalho de pesquisa.

*"(...) Veneza de cristal e crepúsculo
Crepúsculo e Veneza para mim
são duas palavras quase sinônimas
mas nosso crepúsculo perdeu a luz
e teme a noite enquanto o de Veneza
é um crepúsculo delicado e eterno
sem antes nem depois (...)"*

Jorge Luiz Borges

SUMÁRIO

Resumo.....	08
INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I - A Imigração Italiana para a Grande Lavoura Paulista: Gênese, Estruturas e Trabalho	13
CAPÍTULO II - Os Italianos dentro do Quadro Histórico de Jaú no início do Século XX	30
CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67

GUERRA, P. E. *A Presença Italiana em Jaú no início do século XX: origens, inserção cultural e desdobramentos*. Jaú, 1999. 70 p. Monografia apresentada as Faculdades Integradas de Jaú - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Dr. Raul Bauab".

RESUMO

A presença italiana na cidade de Jaú no início do século XX configurou-se a parte do todo que representou a imigração italiana para a grande lavoura cafeeira paulista. A Itália pós-unificação, apresentou um cenário expulsor de população, por excelência. Enquanto, havia a necessidade de mão-de-obra na grande lavoura cafeeira, incentivando a imigração subsidiada. A cidade de Jaú, descreveu uma trajetória de grande produtora de café e atraiu a presença desses italianos, que tanto se adaptaram, como desenvolveram formas de resistência às condições impostas e, atualmente, faz-se presente na descendência de muitos de seus conterrâneos.

INTRODUÇÃO

*"O trombone já tenho,
o que me falta é o sopro."*

Millôr Fernandes

Este trabalho monográfico foi uma proposta do Departamento de História das Faculdades Integradas de Jaú, como tema de graduação do curso de História e desenvolveu-se pelo motivo de buscarmos o conhecimento científico de forma mais detida e aprofundada, partilhando de um interesse intransigente de investigarmos o passado na medida de sua complexidade. Mais do que isso, o presente trabalho ficou suscitado por minha história familiar do ramo materno, e no anseio de conhecer as raízes, pude perceber a importância de percepção de um dos pilares da minha franca existência.

Desejamos com a presente pesquisa destacar a relevância representada pela *"Presença Italiana na cidade de Jaú no início do século XX: origens, inserção cultural e desdobramentos"*. As origens e decorrências da mesma será uma constante deste trabalho de pesquisa monográfica, exaltando alguns flashes, na pretensão de iluminar-mos a memória dessa parcela compositiva da população jauense. A pesquisa tem como pano de fundo, da chegada desses imigrantes nessas terras, o desenvolvimento da economia cafeeira e na inserção à ordem do capitalismo internacional. Situação essa, encontrando-se a região de Jaú com sua grande lavoura cafeeira (ou mesmo em expansão), empreendendo a produção de bens primários (café) para a exportação,

ou seja, peça fundamental no elo do capitalismo, denotado como "periférico". A necessidade imperiosa de mão-de-obra, a reprodução nessa ordem será a tônica desse trabalho, o braço trabalhador europeu, e no caso específico, o italiano.

A imigração italiana para a cidade de Jaú é a parte de um todo, que representou a imigração para a Província, depois Estado de São Paulo. Essa imigração, no período a ser abordado, apesar de um arrefecimento, ainda apresentava números significativos, quando da comparação com outras correntes imigratórias e no total demonstrava números exponenciais.¹ O município de Jaú, tanto a zona rural, para onde era o objetivo precípua de sua destinação, como a zona urbana, pode perceber de forma característica o traço peculiar do imigrante recém-chegado. O traço cultural advindo com os italianos foi logo confrontado com os brasileiros e com a sociedade constituída, nas fazendas com as relações sociais de produção e no meio urbano, com as novas modalidades de serviços urbanos e em ambos com as formas de vida pré-existentes.² O primeiro capítulo versará sobre a conceituação de imigração e suas origens na Europa. Apontará os fatores de repulsão no velho continente, especificamente na Itália, a necessidade de emigrar ("*Fazer a América*") e as regiões que vieram os italianos em São Paulo e especificamente para Jaú. Nesse primeiro capítulo será apresentado o pólo atrativo de mão-de-obra de São Paulo,

¹ Tais explicações podem ser confirmadas em HOLLOWAY. *Os Imigrantes para o café*. São Paulo: Paz e Terra, 1984, p. 23

² Para um conceito de cultura ver TOMÁS, Omar Ribeiro. *Antropologia e Mundo Contemporâneo*. IN: LOPES DA SILVA, GRUPIONI, LD (Org.). *A temática indígena na escola*. Brasília: MEC, 1995.

com sua grande lavoura cafeeira, discorreremos ainda, sobre a imigração subsidiada e as oportunidades de trabalho nas fazendas. Como afirma Herbert Klein em seu ensaio *"Migração Internacional na História das Américas"*.

*"Na Europa, a terra era cara e a mão-de-obra, barata. Na América, a terra era abundante e estava disponível. Entretanto, a mão-de-obra era escassa; portanto, cara."*³

O segundo capítulo tratará do contato de culturas, das relações sociais de produção no campo, das formas de assimilação, integração e resistência entre os imigrantes italianos e os brasileiros. A inserção dos italianos ou seu grupo na Nova Pátria, mais precisamente em sua nova cidade: Jáu. No trato com a terra, com a nova cultura (cafeeira), em novas relações sociais de produção e ainda sua presença no meio urbano em camadas populacionais sobrepostas as demais, estiveram esses imigrantes dispostos a reproduzir o conhecimento herdado de seu país de origem ou naquilo que foi imposto, preferindo a adequação necessária para essa nova situação? Dessa questão e desse confronto, vemos surgir uma *"ambiência diferenciada"*, dialeticamente, seria negado o primeiro pelo segundo, para se revelar uma nova representação.

Simbolicamente, para a conclusão apontaremos algumas implicações na detenção desse objeto, ou melhor, como apregoa o filósofo alemão Karl-Otto Apel, será a tentativa de relacionar o sujeito

³ KLEIN, Herbert. *As Migrações Internacionais na História das Américas*. IN: FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 1999, p.15

(o autor) e o co-sujeito (imigrante italiano) em oposição a uma objetividade "*ingenuamente neutra*" do sujeito com seu objeto.

Esta pesquisa, portanto, visa estabelecer um estudo simplificado e despretensioso, buscando por meio do exame de livros, dissertações e teses acadêmicas, jornais da época e ainda depoimentos orais e documentos escritos específicos, resgatar a dimensionalidade do papel do imigrante italiano e seus descendentes na cidade de Jaú, no início do século XX e os anos subsequentes.

No final registraremos alguns aspectos conclusivos relacionados ao tema em questão, levantando hipóteses, mencionando fatores essenciais e perfazendo um juízo de valores críticos.

Esperamos, dessa forma, contribuir com o leitor que dela fizer uso. Pedindo o entendimento, caso o presente trabalho apresente as limitações decorrentes de um estudo básico e de iniciação científica. E mesmo, as falhas são de responsabilidades exclusivas do autor, não podendo ser atribuídas aos professores que orientaram esse trabalho. E, ainda deixo, esse mesmo leitor, à vontade na busca de conhecimento das estruturas sócio-culturais de seu município, que pode se transformar em uma "*aventura prazerosa*" do contato com a memória coletiva de uma população.

CAPÍTULO I - A Imigração Italiana para a Grande Lavoura Paulista: Gênese, Estruturas e Trabalho

*"Se você puder encontrar o triunfo
e o fracasso e tratar estes dois
impostores igualmente..."*

Rudyard Kipling

O fenômeno da emigração/imigração configura-se como um movimento social de massa. Populações ou parcela destas deslocam-se com a necessidade imperiosa e básica de encontrar uma ocupação econômica tanto para os indivíduos, como para o grupo familiar, e desse movimento, a preferência pela fixação pode se tornar uma realidade reabilitadora ou mais um capítulo na luta de resistência às duras condições impostas. Da necessidade premente de subsistência até a busca de ascensão social e econômica, a imigração tem-se caracterizado no amplo espectro dos movimentos demográficos, que desde o século passado chegando aos dias atuais encontra-se marcado no cotidiano das regiões que por ventura receberam esse contingente. Além dos motivos essencialmente econômicos, outros de naturezas diversas têm alentado os movimentos populacionais. A perseguição política, o embate religioso, o excesso de população, as guerras, as perseguições étnicas apresentam-se como outras razões do deslocamento dos indivíduos ou de grupos.

Para os indivíduos ou o grupo familiar tomados na perspectiva da massa que imigrava, o presente trabalho foi encontrar no cenário

histórico da Itália pós-unificação, o ensejo para apreensão das origens do movimento imigratório, quanto a uma região expulsora de população. Em contrapartida, demarcou-se como região atrativa dessa mesma: o Estado de São Paulo e sua grande lavoura cafeeira, mais propriamente a região central desse Estado, a qual a cidade de Jaú pertence. Antes, de adentrarmos ao caso particular da imigração italiana para a cidade de Jaú, devemos perceber os reais motivos do caso geral para compreendermos esse processo em seus diferentes matizes e nuances.

Condições para a expulsão dos emigrantes italianos

Ao tomarmos as condições de expulsão e de atração, isoladamente, não poderemos divisar o movimento imigratório em seus aspectos específicos. Para a real percepção das condições que propiciaram a expulsão e a atração do imigrante italiano, devemos circunscrever esses movimentos dentro da compreensão da expansão do capitalismo, tanto na Europa, no caso a Itália, como no Brasil ⁴. Para isso, respeitando as diferenças estruturais e circunstanciais entre a Itália e o Brasil, e ainda, as diferenciações regionais dentro da própria Itália e seus variados tempos de inserção no capitalismo.

A Itália da segunda metade do século XIX, assiste a um crescimento demográfico sem precedentes. O excesso de população, provocado pela diminuição da taxa de mortalidade e estabilização na

⁴ ALVIM, Zuleika Maria Forcione. *Brava Gente - os italianos em São Paulo*. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p.23

taxa de natalidade após 1870⁵, que os vários setores da economia não conseguiram abastecer e muito menos absorver o incremento de mão-de-obra. Aliado a esse quadro, a agricultura italiana sofre um processo de *"ingresso de capitalismo"*, em que os trabalhadores eram dissociados de seus meios de produção, tanto os pequenos e médios proprietários agrícolas, que não conseguiam competir com a grande propriedade, como os trabalhadores sem propriedades, que não encontravam mais seus antigos postos de trabalho. Quanto à industrialização, esta se fez de forma lenta, desigual e insuficiente, sendo incapaz de funcionar como sorvedouro dessa mão-de-obra expulsa do campo e de sua correlata população excedente.

A unificação política de 1870, pouco contribuiu para o arrefecimento dessa dinâmica, pois as diferenças entre o norte desenvolvido e o sul atrasado permaneciam latentes:

*"O chamado grupo burguês necessitou de vários anos para dar cabo ao seu projeto de estabelecimento das relações capitalistas e deixar sua marca indelével nas esferas política e econômica. As classes subalternas, por sua vez, estiveram envolvidas em uma série irresgatável de acontecimentos, que deram a tônica nas emigrações temporárias e permanentes".*⁶

A emigração temporária era uma conhecida configuração que os italianos recorriam devido a pouca extensão do solo cultivável da Itália e do rigor do inverno. Esta respondeu como uma solução intermediária ou menos radical para o problema da escassez de alimentos e pela falta

⁵ TRENTO, Angelo. *Do Outro Lado do Atlântico - Um século de imigração italiana para o Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989, p.31

⁶ Baseado em: ALVIM, Zuleika Maria Forcione. Op cit., p 27

e postos de trabalho, dado seu caráter de sazonalidade e o deslocamento de alguns elementos do grupo familiar, dentro da própria Itália ou para outras partes da Europa.

A emigração "*permanente*" despontou como peça fundamental para o equilíbrio sócio-econômico dado ao agravamento da miserabilidade no campo, a pressão sobre as cidades e a possibilidade de envio de dinheiro dos emigrados aos parentes que ficavam e o afastamento de uma rebelião social.⁷

Adentrando profundamente nos mecanismos que engendraram a expulsão, Zuleika M. F. Alvim colabora com uma análise ainda mais completa e precisa.

"Completando o cenário, no plano internacional, cabe citar a chamada crise agrária ou a 'grande depressão', como preferem chamá-la alguns, que durou de '1873 a 1895 e representou a passagem do capitalismo individualista da idade da livre concorrência ao capitalismo monopolista da idade do imperialismo'. Foi um período de lutas acirradas pela disputa dos mercados consumidores que, atingindo a Itália num momento dramático e caótico de sua unificação política, não poderia causar outro tipo de impacto".⁸

A conjuntura externa e a situação interna apontavam na direção de um ambiente repulsor. A ação do governo italiano, aliás com o desinteresse governamental nos primeiros tempos e o consentimento velado e incentivado nos anos posteriores, contribuíram em muito para

⁷ ALVIM, Zuleika Maria Forcione. *O Brasil Italiano (1880-1920)*. - IN: FAUSTO, Boris (Org). *Fazer América*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 386

⁸ ALVIM, Zuleika Maria Forcione. (1986). Op. cit, p.34

a instalação da corrente imigratória para a América ou especificamente para a "*grande lavoura cafeeira*" exportadora de São Paulo.

O fluxo imigratório italiano para o Brasil mostrou-se significativo a partir de 1870 e vai num crescendo até atingir números expressivos na década de 90 daquele século. Nesses anos, o Brasil demonstrou uma forte atratividade para os emigrantes, devido ao pagamento das passagens subsidiadas. Os italianos tornaram-se um dos principais alvos da propaganda e arregimentação por parte do governo paulista, representando os interesses dos cafeicultores do Oeste Paulista.

A Itália expeliu de 1861 a 1920, uma população estimada aproximadamente de dezessete milhões de pessoas.⁹ O Brasil foi o terceiro país a mais receber os italianos, ficando em segundo lugar em destinação a Argentina, e em primeiro lugar em preferência, os Estados Unidos, por representar uma fonte inesgotável de possibilidades para aqueles que pretendiam "*Fazer a América*". O número apontado acima, remete-nos a significação da intrínseca dimensão do deslocamento dessa população.

As fases e a composição da emigração italiana

A Itália expulsora demonstrou ao longo desse processo, as variações e a complexidade no elenco de suas particularidades. Não somente o despossuído, ou como Zuleika M. F. Alvim denomina em seus escritos de *Braccianti*, mas também o possuidor de poucos ou suficientes bens deixaram seu país, na esperança de um dia retornar

⁹ Dados confirmados em ALVIM, Zuleika M.F. Op.cit, p.24 e TRENTO, Angelo. Op. cit. p.18

mais bem aquinhoados e melhores situados. A realidade imperiosa da Itália da época, sujeita-nos a pensar na impossibilidade de resistência frente às adversidades infringidas ou na mudança do quadro estrutural. No entanto, a resistência se fez quando da opção pela emigração a uma terra longínqua, desconhecida e desafiadora, na possível permanência e adaptação ou na insatisfação e inquietude rumo a outros deslocamentos, ou ainda, no retorno ao local de origem em caso de insucesso.

O fluxo emigratório italiano para o Brasil descreveu várias fases e esteve submetido a diversas composições de origem regional ao longo dos vários anos. "*A Grande Imigração*", como é chamada por diversos autores, começa a demonstrar números que impressionam a partir de 1870, e a maior parte dessa destinação cabe a então Província de São Paulo (depois Estado), com sua fonte atrativa na agricultura exportadora do café, que principia a substituir a mão-de-obra escrava pelo trabalho livre assalariado. Dos anos 80 (oitenta) do século passado até o final daquele século, a imigração ganha um volume assustador, devido aos incentivos e subsídios pelo governo paulista e depois pelo governo republicano recém-implantado. A fase seguinte, a partir de 1902 é marcada em sua essência por uma moderação na entrada de imigrantes italianos no Brasil (muitos mais por uma baixa nos preços internacionais do café, do que pelo Decreto Prinetti), sendo esta corrente superada por outras nacionalidades como os espanhóis e

portugueses. Embora, no quadro geral de 1870 a 1920, a imigração italiana para o Brasil supere as duas correntes citadas anteriormente.¹⁰

Abaixo apresentaremos um quadro modificado em alguns aspectos, que revela a procedência regional e o total por região do imigrante italiano.

Quadro 1 - Emigração italiana para o Brasil: por regiões (1876 - 1920)¹¹

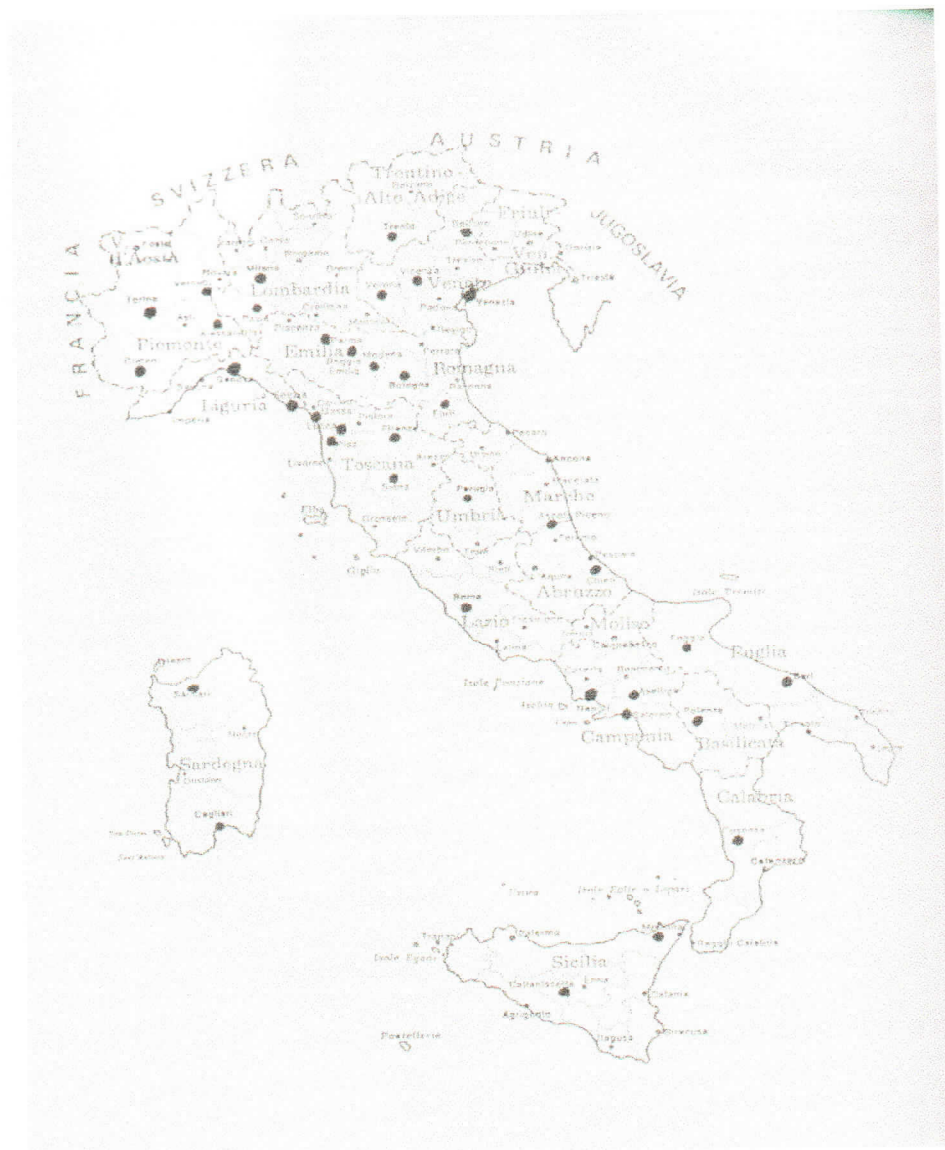
ITÁLIA DO NORTE	581.331
VÊNETO	365.710
LOMBARDIA	106.080
EMILIA ROMAGNA	59.877
PIEMONTE	40.336
LIGURIA	9.328
ITÁLIA CENTRAL	133.930
TOSCANA	81.056
MARCHE	25.074
LAZIO	15.982
UMBRIA	11.818
ITÁLIA DO SUL E ILHAS	510.479
CAMPÂNIA	166.080
CALÁBRIA	113.155
ABRUZZI/MOLISE	93.020
BASILICATA	52.888
SICÍLIA	44.390
APÚLIA	34.833
SARDENHA	6.113

¹⁰ Muitos acreditam que o Decreto Prinetti de 1902 proibiu a emigração para o Brasil, apenas e tão somente a emigração subvencionada. Aqueles que desejassem emigrar por conta própria, estavam autorizados. O preço internacional do café, a proibição pelo governo de abertura de novas plantações foram os principais motivos.

¹¹ Extraído de ALVIM, Zuleika M.F. (1999). Op. cit, p.387 (com modificações)

A interpretação do quadro acima, pode ser facilitada com a ajuda de sua localização no mapa da Itália e suas diferentes regiões.

MAPA 1 - As diversas regiões da Itália¹²



¹² Extraído de MAINARDI, Geraldo. *Os médicos italianos no Rio Grande do Sul*. - IN: BONI, Luiz Alberto de (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Vol. III. Porto Alegre; Torino: Edições Est; Fondazione Giovanni Agnelli, 1996, p.402

Na composição dos imigrantes, o grupo que se destacou foi da região Vêneta, do Norte da Itália. *"Desse grupo, pode-se constatar a presença dos pequenos proprietários, arrendatários e meeiros, ou mesmo os assalariados, que trabalhavam para os pequenos e grandes proprietários. Esses assalariados cultivavam a uva e o trigo, e por último, encontraremos os 'braccianti', sendo estes fixos ou temporários* ¹³. O grupo acima referido formou a primeira leva de imigrantes para São Paulo. O agricultor vêneta apresentava um caráter de auto-suficiência, em decorrência da relação associativa da agricultura com a pequena indústria artesanal presente no campo. Suas famílias eram compostas por um número grande de membros, tendo o progenitor no comando familiar e na falta deste assumia o filho mais velho. Basicamente, alimentavam-se de polenta, peixe, ovos, salame, verduras e raramente comia-se carne de vaca. As condições de moradia eram precárias, faltava quase tudo, higiene, privacidade, a alimentação era escassa e o vestuário insuficiente dado o rigor do inverno nessa região. O pequeno proprietário e o *braccianti*, essencialmente possuíam o mesmo modo de vida, não diferindo de forma acentuada. Após a entrada do capitalismo no campo, esse contingente vê-se desprovido do único bem que realmente importava dentro desse quadro, o trabalho e a coesão familiar e a proximidade do meio de trabalho.

Outro grupo que se fez presente nas primeiras fases, embora apresente um concurso significativo a partir do presente século, o italiano meridional, mais propriamente da região da Campânia e da

¹³ ALVIM, Zuleika M.F. (1986). Op.cit. p.29-3.

Calábria (todavia a Campânia apresenta números indicativos antes de 1901).

"Em essência, o Sul da Itália, mais do que suas outras regiões, caracterizava-se pelos resíduos feudais. A agricultura era pobre, baseada em técnica rudimentar, sem nenhuma inovação ou mecanização. Os grandes proprietários ou grandes arrendatários dividiam suas enormes extensões de terra em minúsculos pedaços, insuficientes para sustentar uma pessoa e não tinham nenhum interesse em modificar essa situação".¹⁴

Além disso, as cidadezinhas formadas apresentavam um grau de miséria insuportável. A exploração fazia-se por entre um assalariamento baixíssimo, das relações forçadas de cumprimento do uso da terra, da agiotagem. Configurando-se em um ambiente expulsor por excelência. Contudo, a fraca inserção do capitalismo transmutava o trabalhador braçal (*braccianti*) em proletário e para escapar dessa proletarização, buscava-se a emigração para o Brasil, por meio da subvenção ou por conta própria (em menor número). Mais ainda, para os Estados Unidos e Argentina. A alimentação do sulino era basicamente a mesma do italiano setentrional (do Norte). Apenas, seu cenário de existência era francamente piorado, tornando-se propensos muito mais pela emigração temporária, sazonal ou por alguns anos, visando o retorno.

¹⁴ ALVIM, Zuleika M.F. (1986). Op. cit., p.55

O pólo atrativo de São Paulo

São Paulo na segunda metade do século XIX, vem a se constituir o principal produtor de café e ultrapassa o Rio de Janeiro na exportação desse produto. O café torna-se o principal produto na pauta de exportação do país, trazendo muita renda e impostos. O trabalho baseava-se na mão-de-obra escrava, no entanto, começava-se algumas experiências de substituição desse trabalho compulsório por trabalho livre. O exemplo mais conhecido e primeiro é o da Fazenda Ibicaba de propriedade do Senador Vergueiro em 1859, no município de Limeira, com o sistema de parceria. A instauração concomitante dos núcleos coloniais com o sistema de parceria faz-se de modo incipiente, não estabelecendo-se em modelo para a cafeicultura e sua provável expansão para o interior da Província, depois Estado de São Paulo, devido a seu alto custo de implantação. Fora essa preocupação de essência puramente econômica, havia o interesse no povoamento e ocupação do espaço territorial brasileiro por parte do governo Imperial.

O trabalhador livre que se introduz nestas experiências é o imigrante europeu. O cafeicultor pagava sua passagem e este ficava comprometido em restituir-lhe o valor adiantado através do trabalho na lavoura por vários anos. Essa modalidade de trabalho e de contrato tornou-se impraticável e pouco atraente para o imigrante. A imigração em massa somente apresentará um concurso expressivo e permanecerá em altos níveis de ingresso a partir da década de 1880, com a prática da imigração subvencionada pelas esferas governamentais (primeiro pelas instâncias competentes do governo imperial, para em seguida

dedicar-se o governo provincial de São Paulo e mais tarde o governo republicano). Nas palavras de José de Souza Martins, temos o seguinte:

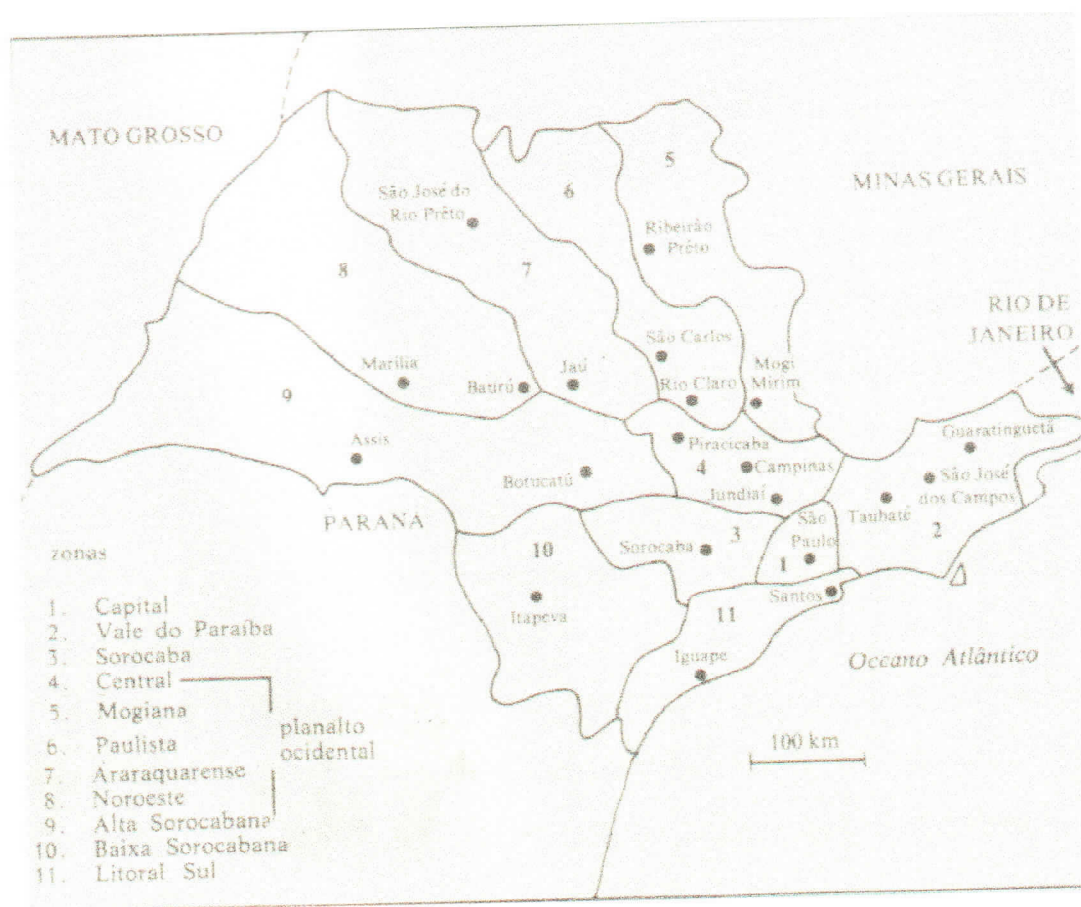
*"No Brasil, o estabelecimento das novas relações de produção combinou-se com a imigração de trabalhadores europeus, como recurso não só para constituir a força de trabalho à cultura do café, mas também como recurso para pôr no lugar do trabalhador cativo um trabalhador livre cuja herança não fosse a escravidão. Mais de um milhão e seiscentos mil imigrantes vieram para o país no espaço de pouco mais de 30 anos, entre 1881 e 1913, a maioria dos quais para trabalhar como colonos nas fazendas de café. Devido justamente à modalidade das relações de produção aí vigentes, no chamado colonato, a imigração constituiu um requisito de importação constante e maciça de trabalhadores em grupos familiares. O colonato, diversamente das relações de produção caracteristicamente capitalistas, criou uma subpopulação relativa no campo, que tornou a imigração subvencionada pelo Estado um dos seus ingredientes básicos."*¹⁵

A cafeicultura paulista expande-se através da fronteira agrícola, conforme é seguida pela ferrovia por todo o Estado e vai criando nesse roldão vários municípios (povoados, vilas), afastando cada vez mais para o interior a chamada "boca do sertão". A expansão da cafeicultura ou propriamente a abertura de novas fazendas, povoados e vilas obedece ordinariamente um roteiro, devido a disponibilidade de terras desocupadas e devolutas. Para isso, os fazendeiros contavam com a ação dos grileiros, dos nacionais (empreiteiros) para a abertura de

¹⁵ MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. 6ª ed. São Paulo: Editora Hacitec, 1996. P.22

novas plantações e com a necessidade de mão-de-obra suficiente para realizar a produção com vistas ao mercado externo. Esse roteiro acabou perfazendo as várias regiões do Estado de São Paulo como ilustra o mapa a conferir:

MAPA 2 - Roteiro do Café¹⁶



¹⁶ Extraído de HOLLOWAY, Thomas. *Imigrantes para o café - Café e Sociedade em São Paulo, 1886-1934*. 1ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1984, p.34. Excluindo as zonas 1, 3, 10 e 11 o café descreveu esse itinerário do mapa, dadas as regiões em importância produtiva e imigração.

A imigração como alternativa de mão-de-obra para a lavoura cafeeira paulista compõe-se como uma meta particular, obtendo contornos nítidos em sua defesa pelos cafeicultores e seus representantes na Província, tanto na administração direta como nas Assembléias Legislativas Provincial e Nacional, com a criação da Sociedade Promotora da Imigração (SPI) em 1996. A Sociedade Promotora da Imigração deu impulso a imigração desde a arregimentação na Europa (em vários países) com o estabelecimento da propaganda (confeção de um folheto em três idiomas, apresentando as "maravilhas" e as oportunidades de trabalho, de vida na agricultura de São Paulo) e de escritórios dos agentes e subagentes em vários pontos dos países europeus e até mesmo com a fundação da Hospedaria dos Imigrantes na cidade de São Paulo no final da década de 80 (oitenta) do século passado, para a triagem dos trabalhadores para a lavoura cafeeira do interior de São Paulo.

"A hospedaria, uma construção imponente, ocupava a maior parte de um quarteirão; dispunha de um desvio da ferrovia, com plataforma para descarregar imigrantes e sua bagagem. O andar térreo era ocupado por escritórios, uma casa de câmbio, um dispensário médico, cozinhas, refeitórios e áreas de armazenagem. Os dormitórios ficavam no andar superior. Uma construção à parte, perto da entrada, abrigava a repartição onde os recém-chegados se encontravam com futuros empregadores. O governo fornecia intérpretes para ajudar imigrantes italianos, espanhóis e, mais tarde,

*japoneses, a fazerem uma idéia dos salários e das várias cláusulas não-salariais dos contratos de trabalho (...)*¹⁷

Em seguida Holloway observa: "*(...) Uma descrição apressada da hospedaria não pode dar idéia da confusão e frustração que muita gente deve ter sentido. Originalmente planejada para alojar um máximo de 4.000 pessoas, já nos primeiros anos houve ocasiões em que nela se apinhavam cerca de 10.000. Os imigrantes eram, muitas vezes, tratados mais como gado do que como gente, enquanto se processava a entrada, o contrato e finalmente, a saída*".¹⁸

Após sua instalação nas fazendas de café, o imigrante italiano conheceu as agruras e as dificuldades advindas para sua adaptação no novo trabalho. O trabalhador, ainda, teve o confronto inevitável com o proprietário e sua subjacente mentalidade calcada na antiga relação de produção: a escravista. Fora isso, o trabalhador imigrante e sua família iriam enfrentar o sistema misto de percepção de salário. O cuidado com a plantação com suas várias carpas anuais, a colheita propriamente dita e para garantia de sua subsistência e de reprodução para sua família, situaria uma plantação de gêneros de primeira necessidade entremeados à plantação de café ou em terreno pré-determinado pelo proprietário da fazenda de café. Apesar que, o italiano recém-chegado calculava nessa última modalidade a oportunidade de ganho de um pecúlio necessário para sua futura emancipação com a aquisição de um "pedaço" de terra, onde reproduziria com sua família o espaço vital deixado do "outro lado do Atlântico": "*É nesse contexto que a*

¹⁷ HOLLOWAY, Thomas. Op. cit., p.86-7

¹⁸ Idem, idem, p.88

lavoura reelabora sua ideologia com respeito ao imigrante italiano. Alteradas as condições de ajustamento recíproco, sucediam-se os conflitos e o abandono das fazendas antes do cumprimento o ajuste de um ano, como resposta, não articulada embora, dos colonos face às expectativas frustradas".¹⁹

A mobilidade geográfica do imigrante italiano transfigura-se em uma marca intangível de sua presença em terras paulistas, buscando outras fazendas, os núcleos urbanos, a Argentina como alternativa ou até o regresso a pátria italiana. Havia, portanto uma reação adaptativa ou uma resistência que serão melhores discutidas no segundo capítulo com a apreciação do caso específico da cidade de Jaú. Por ora, é necessário destacar que os italianos e suas famílias permaneciam instalados por um prazo médio de dois anos em uma fazenda (assim caiu a idéia que com a família, o imigrante estaria menos propenso a se mudar), procurando em seguida os diversos centros urbanos, constituindo aí, verdadeiras porções da Itália no espaço dessas cidades ("*a Itália nos trópicos*").

Para se ter uma idéia do ocorrido acima, Paula Beiguelman apresenta os seguintes dados:

¹⁹ BEIGUELMAN, Paula. *A Formação do Povo no Complexo Cafeeiro - aspectos políticos*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1977, p.92

Quadro 2 - Entradas e Saídas de Imigrantes Italianos do Estado de São Paulo para os anos de 1901, 1902 e 1903. ²⁰

ANO	Entradas	Saídas
1901	70.348	36.099
1902	37.831	31.437
1903	17.093	36.410

Para reforçar a análise anterior e dar ensejo ao segundo capítulo, devemos demarcar assim:

"A corrente imigratória se localizava nos municípios de: Araraquara, Avaré, Batatais, Brotas, Campinas, Descalvado, Jaboticabal, Jaú, Ribeirão Preto, Santa Rita do Passa Quatro, São Carlos do Pinhal, São José do Rio Pardo, São Manuel, São Simão.

Havia contudo uma diferenciação interna, favorecendo a canalização preferencial para as áreas mais novas. Com efeito, Ribeirão Preto e Jaú, por exemplo, ofereciam melhores condições de remuneração ao imigrante, que Campinas, Botucatu e Amparo". ²¹

Uma forte ocorrência de imigração italiana para a cidade de Jaú na virada do século XIX para o século XX vai ganhar contornos definidos quando estudarmos a presença desses italianos, tanto no meio agrícola, como no meio urbano em Jaú. Jaú, será por excelência um local de preferência dos italianos, para isso desenvolveremos o segundo capítulo que vai tratar da presença dos italianos nessa cidade e das possíveis decorrências dessa "ocupação".

²⁰ BEIGUELMAN, Paula. Op.cit., p.91

²¹ Idem, idem, p.89

CAPÍTULO II - Os Italianos dentro do Quadro Histórico de Jaú no Início do Século XX.

*"A própria vida se converte
numa citação".*

Emerson

A imigração italiana para a grande lavoura cafeeira paulista perfez vários desígnios, para o indivíduo e seu grupo familiar que buscava novo encaminhamento na perspectiva de melhora, como para o produtor paulista que inserindo-se em um comércio internacional (agro-exportação do café), necessitava de abundância do braço trabalhador. Porém, a realidade apresentou-se em diferentes ocasiões sob diversos nuances, com um desarrazoado entrelaço dos interesses de ambas as partes. Para o fazendeiro procurava-se cumprir um inevitável ciclo de exploração, o qual estava ordinariamente acostumado através do aviltamento do trabalho de outrem, na prática incontida e arraigada dos maus tratos, na precariedade do cumprimento dos contratos pré-estabelecidos, no controle exacerbado que transpunha a esfera do trabalho, nas interferências desabonadoras às famílias (abuso às filhas e mulheres dos imigrantes). Para o trabalhador recém-chegado, restava uma adaptação forçada a um ambiente inóspito e desafiador (clima diferenciado, possibilidade enorme de contrair muitas doenças), ao trabalho em uma cultura estranha como o café, à transposição de uma cultura trabalhista a um cenário, que carecia de afirmação no contexto

capitalista, e ainda mais, a manutenção da estrutura familiar como peça reprodutiva de sua resistência a uma possível "*proletarização*".

As relações sociais de produção entre o imigrante italiano e o cafeicultor deu-se de diversas formas mas, na maior parte das vezes, pelo regime de colonato que vigorou e exerceu o papel de atração para o imigrante, que previa além da percepção do salário monetário, a possibilidade do trabalhador estrangeiro poder produzir intercalado aos cafezais ou em terra em separado, seu próprio alimento ou mesmo um excedente que poderia ser comercializado, gerando uma provável poupança e estabelecendo um pecúlio com a finalidade de aquisição da terra própria, em um momento posterior. O regime de colonato era baseado no trabalho familiar, no trabalho de todos os membros da família, desde o pai de família, a mãe, e os filhos em idade de trabalho (acima, em alguns casos, dos sete ou oito anos de idade). Outra forma conhecida de relação entre o imigrante e o fazendeiro, era o trabalho como "*camarada*".

Essas relações sociais de produção estavam presentes no dia-a-dia das fazendas cafeeiras de Jaú. Jaú, típica cidade do interior paulista, foi fundada em 1853, onde suas terras haviam sido ocupadas desde 1840, quando chegaram várias levas de pessoas oriundas de Minas Gerais, ganhando destaque as figuras de Tenente Lopes, Francisco Gomes Botão e Bento Manoel de Moraes Navarro, entre

outros. Com o passar dos anos vão chegando outras famílias que comporão a chamada "elite" do povoado e futuro município.²²

A ocupação sócio-econômica nesses primeiros anos dar-se-á com a cultura da cana-de-açúcar, do fumo e com a criação de suínos. Esses primeiros povoadores ficaram atraídos com as potencialidades agrícolas do lugar, devido ao solo roxo dessas paragens. O Povoado de Jaú circunscrevia-se dentro da chamada "boca do sertão" ou frente pioneira, encontrando-se no roteiro da expansão da lavoura cafeeira da então Província de São Paulo. No povoado de Jaú e seus arredores, havia plantações de café, porém não visavam um mercado de amplitude maior. Somente, a partir de 1870, a lavoura cafeeira ganha maior espaço na agricultura jauense, a atrair os primeiros imigrantes e mostra-se consolidada, tornando-se o centro de atenções de lavradores, como denuncia Flávia Arlanch Martins de Oliveira.²³

O povoado de Jaú cresce concomitantemente a produção de sua lavoura cafeeira e na expansão dessa lavoura pelo Oeste de São Paulo. Alcança a condição de Distrito da Paz pela Lei Provincial nº 11 de 24 de Março de 1859 e em 26 de Abril de 1866 é criado o Município de Jaú pela Lei nº 60 e pela mesma lei o povoado foi elevado à categoria de Vila. E ainda, pela Lei nº 28 de 07 de Março de 1877, emancipa-se judiciariamente com a criação da Comarca de Jaú.²⁴

²² Para obtenção de maiores informações, consultar: OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. *Formação do Mercado Interno em São Paulo: O Exemplo de Jaú (1870-1914)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1977.

²³ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. (1977) Op.cit., p.24-5

²⁴ Idem, idem, p.81-2-5

Por essa época, Jaú não contava ainda com melhorias no sistema de transportes, a produção era escoada em lombo de burros até a estação de trem mais próxima.

"Foi a partir da década de 1870, devido à grande expansão do café para o Oeste de São Paulo, que começou a se efetivar, em direção ao interior paulista, a implantação de um complexo viário adequado às exigências econômicas da época - as ferrovias -. Sua importância não consistiu somente em dar escoamento ao café, pois a longo prazo, sua principal importância foi de ter sido um dos eixos da nova economia que se modelava na Província".²⁵

Somente em 1887, a ferrovia atingiu o município de Jaú, convertendo-se assim em pólo regional para a comercialização do produto.

A produção jauense de café, apesar das geadas de 1871 e 1872, não foram severamente atingidas, pois encontravam-se pequenas, vai a partir de 1873 começar a crescer a passos largos e atingir níveis satisfatórios no final dessa década. A partir de então, o município jauense vai conhecer um aumento substancial em sua produção cafeeira, devido ao crescimento constante do número de pés de café plantados e ao crescimento do número das propriedades rurais. Em virtude desse movimento, atesta-se a maior capacidade de comercialização desse produto à medida que a ferrovia cada vez mais se aproximava do município, para isso, o antigo povoado assim transformado em município, transfigura sua vida urbana, ganhando quantidade de pessoas e qualidade de tratamento (como pode-se

²⁵ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. (1977). Op.cit., p.52

perceber com a publicação do primeiro Código de Posturas de 1871). Nesse fluxo de pessoas para o município, com vistas ao trabalho nas fazendas e no pequeno meio urbano, tanto os imigrantes (ainda de forma incipiente) como os nacionais oriundos de outras partes da Província e do país, acorriam e engrossavam a população e contribuíam para a diversificação das várias profissões. Há, portanto, a partir de então um aumento do número de casas comerciais e de outros serviços. Daí, depreende-se que a vila de Jaú, converte-se em um núcleo comercial de apoio a principal atividade do município: a produção cafeeira e sua expansão.

Ao final do século XIX, a cidade de Jaú contava com uma população de aproximadamente quinze mil habitantes, com uma produção cafeeira consolidada (quando explicitaremos no próximo tópico), com um afluxo significativo de imigrantes e com o escoamento de sua produção pela ferrovia. No que se refere a imigração, especificamente a italiana, a primeira notícia que se tem, foi a entrada de vinte e cinco italianos em 1886.²⁶ E tudo indica que Jaú acompanhou o mesmo movimento observado quanto à Província, depois Estado de São Paulo, referente a Grande Imigração e a superioridade da entrada de imigrantes italianos em relação a outras nacionalidades.

Os dois quadros a seguir explicitam a entrada de imigrantes e a entrada específica de italianos, ambos em Jaú.

²⁶ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. (1977) Op. cit., p.44

Quadro 3 - Entrada de Imigrantes em Jaú ²⁷

ANO	NÚMERO	ANO	NÚMERO
1898	917	1907	785
1899	788	1908	795
1900	954	1909	1211
1901	2707	1910	1912
1902	825	1911	nada consta
1903	200	1912	3369
1904	593	1913	3142
1905	1618	1914	1198
1906	1003		

Quadro 4 - Entrada de Imigrantes Italianos em Jaú ²⁸

ANO	NÚMERO	ANO	NÚMERO	ANO	NÚMERO
1868	1	1890	88	1904	8
1874	1	1891	60	1905	17
1875	1	1892	54	1906	16
1877	3	1893	30	1907	18
1880	3	1894	59	1908	14
1881	1	1895	99	1909	17
1882	6	1896	111	1910	16
1883	9	1897	88	1911	15
1884	9	1898	64	1912	30
1885	10	1899	60	1913	26
1886	10	1900	86	1914	11
1887	38	1901	118		
1888	133	1902	62		
1889	62	1903	21		

²⁷ Extraído de OLIVEIRA, Flávia Arlanck Martins de. (1977) Op.cit., p.45

²⁸ Extraído de OLIVEIRA, Flávia Arlanck Martins de. (1977) Op.cit., p.46 (através do Registro de Estrangeiros)

Os dados do último quadro, referem-se a toda a imigração e seu registro na cidade de Jaú, mas no caso, foi abstraído somente os números da imigração italiana, e teve por objetivo registrar os estrangeiros em 1938 (devido ao Decreto nº 3010 de 20 de Agosto de 1938) como assinala Flávia Arlanch Martins de Oliveira. Apresentando deficiência quanto ao número exato da entrada desses imigrantes, no entanto, na ausência de uma série estatística mais completa e confiável, tem-se razoavelmente uma idéia da importância dessa imigração (italiana) para a composição da força de trabalho em Jaú e para o aumento de sua população. Portanto, não se pode explicar o aumento da população jauense apenas com os dados de seu crescimento vegetativo.

A Lavoura Cafeeira na Cidade de Jaú

Conforme observamos anteriormente, a lavoura cafeeira das propriedades rurais jauenses à medida que findava o século passado ocupava mais e mais terras e aumentava portentosamente a produção de grãos com vistas ao mercado externo. Com a produção em níveis nunca antes vistos, trazia-se assim a riqueza para o município, mas que se concentrava nas mãos das famílias-proprietárias. Essas famílias proprietárias compunham a chamada elite dirigente da cidade e se firmaram no cenário político e social local. Almeida Prado, Moraes Navarro, Ribeiro de Barros, Ferraz do Amaral, Campanhã, Andrade Coutinho, Pereira de Carvalho, Oliveira Matosinho, Pires de Campos eram os próceres que deram substância ao amálgama da política local

desde meados do século passado até a primeira metade do presente século.²⁹

A produção cafeeira atingiu, no final do século passado e início deste, um volume sem igual, fazendo com que a cidade fosse um dos maiores produtores do país. O quadro abaixo ilustra a dimensão grandiosa dessa produção.

Quadro 5 - A Produção Cafeeira em Jaú³⁰

ANO	ARROBAS
1886	350.000
1896	606.346
1897	1.085.799
1898	624.065
1899	861.168
1901	2.500.000
1909	2.625.930
1910	2.149.162
1911	1.812.222
1912	1.351.281
1913	1.597.730
1914	1.253.300

Do quadro acima exposto, depreende-se o aumento substantivo da produção cafeeira a partir da última década do século passado,

²⁹ Para uma melhor apreciação do assunto, consultar OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. *Faces da Dominação da Terra (Jaú 1890-1910)*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1990.

³⁰ Extraído de OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. (1990) Op. cit., p.26-9

atingindo em 1909 seu maior volume produtivo. Essa magnífica produção, os imigrantes, e especificamente, o italiano, "*ajudaram*" a consolidar. Não significando de um modo geral, uma melhora sensível na vida desses italianos e de seus familiares.

A vida na fazenda de café era composta de uma dura realidade, que proporcionava ao trabalhador, a extenuação de suas forças nas diferentes modalidades de serviço. Cuidar do cafezal fazendo várias carpas anuais, a colheita, serviços extra de reparos, e ainda cultivar alimentos para sua própria subsistência. Sem contar, com a vigilância diuturna do patrão em todas as situações, até a mais corriqueira, além do controle de entrada e saída da fazenda. Na fazenda, a casa grande do proprietário e a casa do administrador eram dispostas em relação a casa dos trabalhadores, no intuito de uma melhor e maior patrulhamento das ações naquele espaço.³¹

Segundo o Almanack do Jahu de 1902, abaixo figuram as fazendas que contavam com os serviços dos imigrantes italianos.

- Fazenda São João - proprietário João Ribeiro de Barros
- 600 e tantos, italianos e espanhóis

- Fazenda Riachuelo - proprietário Firma Paula e Prado
- 47 famílias (brasileiras, italianas e espanholas)

- Fazenda Guanabara - proprietário Capitão José de Azevedo e Silva
- 25 famílias italianas

³¹ Para uma análise mais detida e pormenorizada dessa relação, ver a obra capital de OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. *Faces de Dominação da Terra (Jaú 1890-1910)*.

- Fazenda Irissanga - proprietário Sebastião Ribeiro de Barros
- 37 famílias, quase todas italianas
- Fazenda Rio Pardo - proprietário Henrique Montenegro
- 17 famílias (italianas e espanholas)
- Fazenda Bananal (Bocaina) - propr. Coronel Luiz Valadão de Freitas
- 37 famílias, apenas uma nacional
- Fazenda Estrella - propr. Capitão Pedro Alexandrino de Carvalho
- 30 famílias de colonos
- observação: 1º caso de febre amarela (1892) -
por um italiano
- Fazenda Pinhalzinho - proprietário Francisco Cassiano de Toledo
- 132 pessoas, quase todas italianas (alta Itália)
- Fazenda Conquista - proprietário Antônio de Moraes Navarro
- 22 famílias de colonos italianos
- Fazenda Floresta - proprietário Antônio Pereira de Toledo
- 10 famílias de italianos
- Fazenda Ribeirão Bonito - propr. Domingos Pereira de Carvalho
- 43 famílias de colonos italianos
- Fazenda Barreiro - proprietário Joaquim Ferreira do Amaral
- 32 famílias de colonos italianos

- Fazenda Santo Antônio do Triumpho - propr. Bento Manoel de Moraes Navarro
- 15 famílias italianas

- Fazenda Boa Vista - proprietário José Joaquim Pereira da Luz
- 23 famílias italianas³²

O imigrante dependia em muito do número de membros de sua família para conseguir o pecúlio necessário para a aquisição da almejada terra própria.³³ Cumpre assinalar, que a mobilidade social (ou econômica) do imigrante acontecia, mas não de forma importante ou avassaladora, ainda mais em um regime de concentração de terras, como era o caso de Jaú. Ficando, porém, uma comprovação e verificação mais detida em estudos posteriores, fugindo do alcance do presente trabalho. A mobilidade que de fato se verificou foi a do imigrante que deixou uma fazenda por outra, ou para os núcleos urbanos ou até mesmo para a Argentina e por último o retorno ao solo pátrio italiano. A resistência ao estado geral de coisas foi uma marca inconfundível do imigrante italiano, sempre em busca de uma situação nova e melhor para si e para sua família. Corroborava para isso, sua firme proposição em manter e reproduzir nessas terras, o núcleo familiar advindo de sua terra natal. Quando muito, esse italiano

³² Fonte: Almanack do Jahu, para o ano de 1902. Jahu, Editado pelo Correio do Jahu, 1902.

³³ Essa discussão cinge a historiografia sobre o assunto em duas vertentes. A primeira defendida por Thomas Holloway, que tenta demonstrar a mobilidade social do imigrante italiano e a segunda preconizada por Michael Hall, que aponta a pouca inacessibilidade do imigrante em relação à terra. Para um melhor esclarecimento consultar FAUSTO, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Editora Sumaré, 1994.

apresentava uma reação adaptativa à sua situação de despossuído. Exemplo dessa situação, seria o afluxo desses trabalhadores para as cidades no intuito de ali, se estabelecerem nas mais diversas profissões e ocupações. Com o passar dos anos perceberemos que os italianos e seus descendentes estabeleceram-se em vários pontos da cidade e de bairros rurais, reproduzindo nesses locais uma relação mútua de ajuda e convivência. Exemplos claros são os bairros do São Benedicto (atual Santo Antônio), conhecido como "*Bairro do Sapo*", mais evidentemente as ruas Gomes Botão e Treze de Maio; a Rua Ruy Barbosa (conhecida como "*Rua da Polenta*"); a Rua Potunduva, a Rua Pereira de Toledo e várias ruas centrais da cidade³⁴; e os bairros rurais do Banharão, da Barra Mansa e do Campinho (apesar que, esses dois bairros encontram-se na divisa com o município de Itapuí, na época chamado de Bica de Pedra, ou no limite daquela cidade).

Os Italianos no Meio Urbano

O crescimento e melhoria do meio urbano em Jaú esteve estritamente ligado ao surto cafeeiro e sua exorbitante produção. A cidade refletiu dessa forma, a riqueza trazida pelo café e os fazendeiros começaram a construir portentosos casarões no final do século passado. A cidade apresentou melhorias nas ruas centrais, como a colocação de guias e sarjetas, iluminação pública através de lampiões a querosene. Os pobres foram deslocados para os arrabaldes da cidade, não percebendo nenhuma melhoria em suas vidas (não podiam contar

³⁴ Verificar a listagem do Imposto Predial, no jornal "*Commercio do Jahu*", de Maio de 1911.

nem ao menos com o poder público; o único poder público que os marginalizados conheciam era o peso do poder policial, no início do século, várias são as figuras de destaque dessa marginalidade - Chico Bahiano, Maria Bárbara, Pedrinho Cambuquira, Terribele Giuseppe, Maria Italiana entre outros).

Para a construção dos casarões, os assim chamados "*barões do café*" contratavam arquitetos e mestres italianos. Essas casas denunciavam o quanto esses "*barões*" possuíam de terras e de pés de café plantados (consequentemente sua produção). Após sua saída das fazendas, os italianos instalavam-se na cidade, desenvolvendo as profissões de pedreiros, carroceiros, sapateiros, seleiros, marceneiros, donos de cocheiras e até mesmo artesãos.³⁵

A cidade no início do século XX, começa a oferecer melhores e maiores condições de vida e lazer. O município contava por essa época com o serviço de correios de dois em dois dias; fundação do Banco Melhoramentos de Jahu em 1892, com capital dos próprios fazendeiros jauenses; com um Paço Municipal e uma Cadeia Pública; um Hospital de Isolamento; um Mercado Municipal; calçamento dos passeios públicos; contratação para iluminação pública e particular da Empresa de Força e Luz do Jahu; criação de um Jardim Público no Largo da Matriz; arborização dos vários largos e Avenida Municipal. No jornal "Comercio do Jahu" do dia 12 de Fevereiro de 1910, lê-se esta notícia:

³⁵ CLARO, Waldo. *Jauí - A Semente e a Terra*. Jauí: Comércio do Jahu, 1999, p.30

"O Sr. Torello di Nucci empreiteiro da construção dos passeios nas praças do teatro, matriz e municipal, já deu começo a esse serviço que muito irá concorrer para o embelezamento da cidade".³⁶

De 1900 a 1907 foram criadas vinte e duas escolas, um Arquivo e a Biblioteca Municipal, o Atheneu Jahuense em 1901, o grupo escolar Dr. Padua Salles³⁷. Além desses melhoramentos, foram construídos a Praça da República (e em suas dependências o teatro Carlos Gomes), o Teatro Rio Branco, depois São Joaquim, o Teatro São Pedro³⁸. Havia, ainda o Rink Rio Branco, para a diversão dos jahuenses. E também, como melhoria urbanística pontes sobre o rio Jaú.

Os imigrantes italianos em muito contribuíram para a melhoria da cidade, em sua urbanização e embelezamento. Pois, entre os italianos figuravam a mão-de-obra especializada na construção dos vários segmentos arrolados anteriormente.

"Nesse momento histórico foram executadas várias obras públicas como a implantação da rede de água e esgoto, calçamento das ruas centrais, construção de pontes sobre o rio Jaú no perímetro urbano, Cadeia Pública, e a Santa Casa de Misericórdia, entre outros. Também o setor da construção civil passou por reestruturação: casa mal iluminadas e com o pé direito baixo tiveram que desaparecer do centro da cidade para dar lugar a construções de casarões das pessoas que detinham o poder econômico, que então incluía uma maioria de poderosos

³⁶ Commercio do Jahu, Anno II. 1910, nº 156, p.1

³⁷ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. (1977) Op. cit., p.90-4

³⁸ Comércio do Jahu. Caderno Especial - *A marca do café*, 15/08/1999, p.4

cafeicultores, grandes comerciantes, sendo que entre estes havia muitos italianos. O padrão dessas construções seguia o gosto europeu, e os técnicos e engenheiros italianos muito contribuíram na introdução desse novo padrão arquitetônico".³⁹

O trabalho dos italianos não se resumia às atividades da construção civil, entre os italianos encontravam-se ocupados em atividades diversas, como os grandes comerciantes, pequenos comerciantes (secos e molhados), donos de hotel, donos de pensão, donos de bares, agentes financeiros (representantes de casas bancárias na cidade de Jaú), relojoeiros, fotógrafos, donos de restaurante, donos de fábricas de bebidas, donos de pequenas manufaturas, professores de música, cocheiros, condutores de trollys e carroças, sapateiros, até mesmo profissionais liberais (médicos e advogados, ou professores), donos de jornais, jornalistas. Dentro do grupo havia pessoas das mais diferenciadas ocupações econômicas e posicionamento social. Há, que se lembrar, muitos italianos adentraram a nova sociedade, trazendo um certo pecúlio e muitos oriundos com profissões do meio urbano da Itália.

Os italianos desde os primeiros tempos participaram da vida da cidade, como fica estampado nas listas de doações para as construções da Santa Casa de Misericórdia de Jahu e do Albergue de Caridade Jahuense, publicado em periódicos da época ⁴⁰.

³⁹ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. *Italianos na Cidade de Jaú por volta do início do século XX*. IN: BONI, Luiz Alberto de (Org.). *A Presença Italiana no Brasil*. Vol. III. Porto Alegre; Torino: Edições Est; Fondazione Giovanni Agnelli, 1996, p.219

⁴⁰ Commercio do Jahu, Anno II, 02/04/1910, nº 169, p.1 (Lista de donativos para a Santa Casa de Misericórdia de Jahu)
Commercio do Jahu, anno II, 20/07/1910, nº 196, p.1 (Lista de donativos para o Albergue de Caridade Jahuense)

Jaú, na segunda década do século XX constituía-se uma opulenta cidade do interior paulista, abrigando em seus limites as peculiaridades advindas com a riqueza trazida pelo café. Sua vida social e cultural era intensa como se pode comprovar pelo número de teatros, pelos espetáculos artísticos no Rink Rio Branco, com as várias bandas de música e as diversas sociedades com fins culturais (clube literário, sociedade de encontros culturais, entre outros).

Cultura, Assimilação e Resistência

A cidade de Jaú contabilizou uma população em 1872 de 7.412 habitantes, passando a cerca de 25.800 no ano de 1902, desse total um quinto vivia no centro urbano ⁴¹. A vida urbana encontrava-se em verdadeira ebulição, somando a isto a atuação e performance dos italianos. Desde essa época os italianos promoveram várias manifestações e fatos na tentativa de reprodução do traço peculiar e característico de sua cultura.

Os italianos e suas famílias distribuíram-se no perímetro urbano em diversas localidades, mas se concentraram de forma importante na Rua Ruy Barbosa, que ficou conhecida como "*Rua da Polenta*". Devido à proximidade, esses italianos desenvolveram atividades, como festas, pequenos bailes, comemorações, encontros religiosos, entre outros. Outra localidade, a receber os italianos foi o Bairro São Benedicto (atual Santo Antônio), mais conhecido como "*Bairro do Sapo*", principalmente as ruas Gomes Botão e Treze de Maio, porém

⁴¹ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. (1977) Op. cit., p.93

neste bairro os italianos dividiram o espaço com pessoas oriundas de outras nacionalidades (espanhóis) e com os nacionais. Outro espaço importante ocupado por italianos foi o Bairro da Potunduva, com as ruas Potunduva (atual Comandante João Ribeiro de Barros), Pereira de Toledo, Curtume. Têm-se registro que os italianos e suas respectivas famílias ocuparam muitos espaços na cidade, e ainda, tiveram suas propriedades distribuídas por vários pontos da cidade (como é o caso de vários italianos que possuíam diversas propriedades). Outros bairros, mas no caso os rurais, abrigaram ou reuniram várias famílias de italianos (sem contarmos as colônias de certas fazendas que pareciam verdadeiras cidadelas) como o Banharão, o Bairro do Campinho e da Barra Mansa.

Essas diversas localidades permitiram aos imigrantes, o estabelecimento de laços permanentes e duradouros quanto aos costumes trazidos e a socialização em um ambiente menos hostil a sua presença. Apesar que, ao observarmos os periódicos daquela época, percebemos um número razoável de ocorrências policiais envolvendo italianos entre si e pessoas de outras nacionalidades (tanto na zona rural, como urbana).⁴²

Os italianos, no meio urbano fundaram quatro sociedades de auxílio mútuo: Stella d'Itália, Príncipe di Napoli, Roma Intangibili e Beneficência e Instrução⁴³. Fizeram circular um jornal de nome "*Il Citadino*", de caráter cultural. Inaugura-se em 16 de Fevereiro de 1912,

⁴² Verificamos essas passagens policiais na primeira metade da década de 10 do nosso século nos jornais: "*Commercio do Jahu*", "*O Imparcial*" e o "*Jahu Moderno*".

⁴³ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. (1996) Op. cit., p.49

uma escola de natação e para uso de banhos, com licença de funcionamento de propriedade dos Srs. Bertoldi e Corradi ⁴⁴. Em 09 de Maio de 1914, foram concedidas alvarás de licença para possuírem "*Jogos de bolas*", os seguintes senhores: Alcides Madelli, David Corradi e irmãos, Umberto Mattieli, Angelo Guanabarino e Antônio Pansieri ⁴⁵. Tudo indica, que as atividades esportivas começam a se desenvolver de forma substancial entre os italianos, e teremos, mais adiante, a criação de um clube de esportes, com doação de terreno e incentivo dos italianos (ou descendentes), que se chamará "*Palmeirinhas*", chegando suas atividades até os dias atuais.

Jaú assiste a primeira greve de sua História, no dia primeiro de Fevereiro de 1891, durando quatro dias, para revogar um aditivo (Aditivo onze) que cobrava um imposto do setor de transporte. Os carroceiros paralisaram suas atividades por alguns dias até alcançarem seus objetivos, a suspensão da cobrança do imposto.

*"É bem provável que a participação dos carroceiros italianos nesse movimento tenha sido valiosa até em termos de sua organização. Além de serem numericamente representativos no setor, muitos deles seguramente haviam tomado contato na Europa com as idéias anarquistas e adquirido a consciência de classe trabalhadora na luta pelos seus direitos, fato que os brasileiros em geral desconheciam"*⁴⁶.

Outro caso verificado, é o caracterizado segundo o jornal "*Commercio do Jahu*", o abandono do serviço pelos empregados do

⁴⁴ Commercio do Jahu. Anno IV, nº 373. 16/02/1912. p.1

⁴⁵ Commercio do Jahu. Anno VI, nº 657. 09/05/1914. p.2

⁴⁶ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. (1996) Op. cit., p.216

empregado Domingos Borrelli, que apresenta nota do Centro Operário do Jahu não atribuindo nenhuma ligação deste centro com os fatos ocorridos. Dessa notícia, não se pode depreender um simples abandono de serviço (o abandono de serviço, comumente é atribuído apenas a uma pessoa), e sim, uma paralisação que não deixa explícita sua real intenção, mas é indício de movimentação por melhores condições de trabalho (de maneira ordinária e geral)⁴⁷. No dia 13 de Dezembro de 1911, o jornal "*Commercio do Jahu*" publica uma lista de trabalhadores para o festejo da redução da jornada de trabalho para oito horas, a maioria egressa da construção civil⁴⁸. No entanto, não se pode fazer uma ligação direta entre a primeira notícia e a segunda, mas está inserida na movimentação daqueles que lutam por melhores condições de trabalho. Outras duas greves, ocorridas em 1913 e 1914, uma dos empregados dos armazéns da Companhia Paulista e outra a insubordinação dos soldados, respectivamente. Também, não se pode fazer nenhuma ligação em um âmbito mais geral e muito menos atribuir alguma ligação com os italianos. Embora, figurem como casos, que denotam a efervescência, a agitação dessa época⁴⁹.

O jornal "*Commercio do Jahu*" no mês de Agosto de 1913 (dias 16 e 19) lança duas notas intituladas "*Greve?*", alertando para o perigo iminente de deflagração de greve no setor da construção civil, e até aponta o dia decisivo para o primeiro dia do mês de Setembro daquele ano, por motivos de redução de salário e aumento da jornada de

⁴⁷ *Commercio do Jahu*, Anno II, nº 180, 11/05/1910, p.1

⁴⁸ *Commercio do Jahu*, Anno III, nº 355, 13/12/1911, p.2

⁴⁹ *Commercio do Jahu*, Anno IV, nº 443, 26/10/1912, p.1
Commercio do Jahu, Anno VI, nº 610, 17/01/1914, p.1

trabalho de oito para dez horas diárias. Esse jornal, de extração francamente conservadora estava fazendo seu papel de guardião das esferas governativa, situacionista, proprietária e servindo como braço intelectual para o poder constituído. Após primeiro de Setembro, este periódico não lançou nenhuma nota ou notícia a respeito do referido acima.

De todas as notícias sobre greves, paralisações, movimentação reivindicatória, uma causou espanto e perplexidade, trata-se do seguinte, transposta na íntegra:

"Guilherme Sartori, arrendatário da Olaria do Sr. Raphael Valdrigue, situada no fim da rua Marechal Bittencourt, procurou hontem o cap. Manoel Fraga e desta autoridade solicitou a prisão de um seu filho de nome Giovanni Sartori, com 22 anos, que constantemente estimula os empregados da olaria a deixar o trabalho e declarar greve na mesma, castigando às vezes, esses operários quando o não obedecem.

O Sr. Delegado enviou duas praças afim de prenderem Sartori".⁵⁰

Por mais estranheza que essa notícia possa causar, o jovem Giovanni Sartori, resolveu começar sua "pequena revolução" por sua própria casa (no caso referido a Olaria de propriedade de seu pai). Este jovem militante e idealista provavelmente estava cercado e imbuído das idéias anarquistas que grassavam esta época. Porém, nosso jovem anarquista não estava isolado em sua luta, o Centro Operário Beneficente e Instructivo do Jahu abrigava em sua diretoria vários

⁵⁰ Commercio do Jahu, anno V, nº 619, 07/02/1914, p.3

imigrantes italianos, que por extensão advogavam a causa anarquista. Primeiro, vamos a composição da diretoria do Centro Operário, depois explicitaremos os motivos de tal ligação.

Diretoria do Centro Operário Beneficente e Instructivo do Jahu
(1914)

Secretário Geral	- Faustino Baraldi
2º Secretário	- Virgílio Barbieri
1º Thezoureiro	- Galdino Rosa Viani
2º Thezoureiro	- Raphael de Angelis
Procurador	- João Batista Favero

Comissão de Sindicância

- Albano Beber
- João Baptista dos Santos
- João Migliorini

Comissão de Finanças

- Tolentino Miraglia
- Alexandre Bianchini
- José Massocato

Comissão de Beneficência

- Ignácio de Jesus
- Gabriel Bombonato
- Paulino Lunardi

Porta Estandarte

- Rinaldo Cortopassi ⁵¹

⁵¹ *Commercio do Jahu*, Anno VI, nº 667, 02/06/1914, p.1

No Centro Operário não havia os cargos de Presidente e Vice-Presidente, ficando a coordenação geral a cargo do Secretário Geral. Essa ausência era proposital, pois entendiam os militantes operários que deveria haver um auto-direcionamento e não um direcionamento por uma pessoa ou um líder. Isto era apenas uma pequena amostra das idéias, ditas anarquistas, ou libertárias, que circulavam no Centro Operário, sem esquecermos, na luta incontinente contra o Estado, o patrão (o capital, a propriedade) e a Igreja Católica.

As idéias anarquistas, e sua presença na cidade de Jaú, é um capítulo a parte, nas lutas de resistência e em sua cultura subjacente. Os imigrantes italianos, e também os espanhóis e portugueses, trouxeram essas idéias quando aportaram, mais especificamente neste século, em terras brasileiras. Os jornais locais, seus editorialistas, jornalistas, acompanhavam o que estava sendo veiculado nos jornais da capital, quais eram os fatos marcantes, quais eram as idéias inerentes aos debates.

O ano de 1913, é emblemático e sintomático a respeito daquilo que estamos tentando ressaltar. Nesse ano, ocorrem as principais greves rurais (Ribeirão Preto, São Simão) e o movimento operário no meio urbano, tanto na Europa, como no Brasil ganha relevo e destaque. Jaú, não poderia estar indiferente ao ocorrido em outras praças. O jornal "*O Imparcial*" e seu sucedâneo "*Jahu Moderno*" catalizam em suas páginas a defesa percuciente do livre pensamento do cidadão e do operário jauense. Apesar que o período importante de greve no meio urbano, acontecia de 1917 a 1919, em São Paulo preconizada pela classe operária.

O jornal "*O Imparcial*" em 21 de Novembro de 1912, lança um editorial sob o título de "*O Anarchista*", em que lançando mão de subterfúgios, defende não as idéias anarquistas e sim o anarquista (como fosse possível dissociá-los). Este editorial será apenas a ponta de lança, daquilo que esta por vir. Como foi dito anteriormente, o ano de 1913 foi especialmente representativo do movimento de resistência à ordem estabelecida. Em Abril de 1913, ocorre um *meeting* (reunião) contra a carestia de vida: "*Hoje às 4 horas da tarde em frente ao Paço Municipal, realiza-se um meeting, fallando diversos oradores sobre a Carestia de Vida*".⁵²

No dia primeiro de Maio daquele ano, acontece uma manifestação cívica que estavam presentes quase (sic) todos os operários de Jahu, Tasso de Magalhães (redator-chefe do jornal "*Jahu Moderno*"), Tolentino Miraglia e João de Camargo Penteado. Essas três pessoas, discursaram no evento, demonstrando as máximas do livre pensamento e da causa libertária. Porém, o delegado de polícia, Heitor dos Santos interrompeu o discurso de João de Camargo Penteado, proibindo-o de prosseguir, e utilizando da força, expulsou-o da cidade⁵³.

Tolentino Miraglia participava da diretoria do Centro Operário de Jahu, João de Camargo Penteado era professor e jornalista, escrevia periodicamente no jornal "*Jahu Moderno*" e advogava a causa libertária, sem constrangimentos ou peias. Provavelmente, João Penteado (como ele assinava) se não foi gestado, ou melhor, suas

⁵² *Jahu Moderno*, Anno I, nº 22, 20/04/1913, p.12

⁵³ *Jahu Moderno*, Anno I, nº 29, 15/05/1913, p.1

idéias não foram gestadas no Centro Operário, encontraram nesse local o espaço necessário para tal desenvolvimento. João Penteado, em um artigo no *"Jahu Moderno"* de 04 de Maio de 1913, intitulado *"São Paulo e a Civilização"*, lança palavras de ordem contra os fazendeiros, o governo, a magistratura, o Patronato Agrícola e chama os fazendeiros de senhores feudais e de violadores da Constituição, os membros do poder público. Mas ainda,

"(...) Não nos faculta a constituição plena de liberdade de consciência e de pensamento?

Não nos dá ella direito de reunião em praça pública?

Não é isto verdade?

Então, porque essa reacção tão bárbara, tão estúpida e brutal como a que vemos em S. Paulo?

Porque uma lei de expulsão de estrangeiros, forjada de encomenda, com o único fim de reprimir os protestos dos operários grevistas e satisfazer a aspiração despótica dos senhores das Docas de Santos e fazendeiros escravagistas do interior do Estado?

Porque a criação de um Patronato Agrícola de mentiras, que não serve senão para proteger os fazendeiros?

*Porque a violação de domicílios, as prisões injustas e o espaldeiramento de operários, quando em greve, que lutam contra o capital?"*⁵⁴

Em defesa do delegado de polícia, Heitor dos Santos referente a prisão de João Penteado vai ser publicado no jornal "*Commercio do Jahu*", um editorial intitulado de "*Raciocínio da Razão*", assinado pelo pseudônimo de "*Um fazendeiro*". Nesta "*carta*", trata basicamente da possibilidade de greve e defende a posição dos fazendeiros. Apregoa ainda, que não há violências contra os lavradores (trabalhadores rurais); no caso de haver greve, quem sempre perde são os trabalhadores; quando o preço do café está em alta, o salário sobe e quando está em baixa permanece no mesmo patamar; cita o exemplo da greve dos trabalhadores rurais de Ribeirão Preto, como sendo funesta (minhas palavras) para o trabalhador; e pede para confiar nos proprietários agrícolas. Escreve ainda, que o "*outro*" jornal publicou a notícia da prisão de João Penteado em contrário e está a favor das atitudes do delegado de polícia, Heitor dos Santos, na manutenção da ordem e da paz.⁵⁵

⁵⁴ *Jahu Moderno*, Anno I, nº 26, 04/05/1913, p.1-2

⁵⁵ *Commercio do Jahu*, Anno V, nº 504, 13/05/1913, p.1
Commercio do Jahu, Anno V, nº 507, 20/05/1913, p.1

Na primeira metade da década de 10 (dez) do nosso século, pairava no ar uma insatisfação geral quanto aos rumos tomados pela lavoura cafeeira, e não pode ser de espantar uma movimentação contra as condições impostas de trabalho, remuneração, de vida, de idéias. Se a motivação essencial para a imigração foi a busca de melhores ou razoáveis condições de trabalho e de vida, fora aqueles que se repatriaram, ou buscaram outras paragens, os que ficaram iriam de uma forma ou de outra, procurar externar suas prioridades. A seguir, apresentaremos três casos de greves rurais, em que procuramos transcrever nas íntegras as notícias da época, para melhor apreendermos a atmosfera desse período:

"Greve em Dous Córregos

Os colonos da fazenda do Sr. Belmiro Ribeiro do Amaral e Silva, em Dous Córregos, declararam-se em greve.

O motivo da greve é quererem os colonos que o café seja recebido no cafezal, e o patrão o que fazer no terreiro".⁵⁶

Esta greve ocorreu na vizinha cidade de Dois Córregos e deu o tom daquilo que estava por vir ou por se noticiar:

⁵⁶ *Commercio do Jahu*, Anno II, nº 194, 29/06/1910, p.1

"GREVE

Ante-hontem a polícia teve comunicação de que os colonos da fazenda Morungava, deste município e de propriedade do Sr. Sebastião Ribeiro, se haviam declarado em greve.

Immediatamente partiu d'aqui para a referida fazenda do Sr. Torello de Nucci, sub-delegado de polícia, acompanhado do escrivão Sr. Pacífico Caldeira e de 3 (três) praças.

Lá chegando o Sr. Torello verificou que realmente os colonos estavam em greve, por não quererem, conforme contracto com seu patrão, trabalhar Domingo.

Foi demitido então o colono José Cano, o cabeça do movimento e os outros voltaram ao trabalho".⁵⁷

A fazenda Morungava, de propriedade de Sebastião Ribeiro, encontrava-se suprimida nas páginas do "*Almanack do Jahu de 1902*" que esteve em nossas mãos. Decerto, esta fazenda contava com a mão-de-obra do imigrante italiano e sendo, José Cano (cuja origem nos é desconhecida) tem-se uma idéia da propalação das idéias ou da cultura de resistência imprimida nesta ocasião.

"Gréve

Terça-feira, 25 do corrente, os colonos da fazenda do Cel. Paulo Prado, deste município declararam-se em gréve.

Motivou-se essa sublevação quererem os colonos guardar o dia 25 por ser commemorado pela Igreja Catholica Apostolica Romana.

⁵⁷ *Commercio do Jahu*, anno III, nº 305, 21/06/1911, p.1

Alguns colonos dispostos a trabalhar foram pelos grevistas, obrigados, sob ameaça, a desistirem do trabalho.

O administrador da fazenda em vista da situação, telephonou ao Dr. Delegado de Polícia o qual imediatamente organizou uma escolta para garantir a propriedade e acalmar os exaltados.

Acompanhou a escolta o Dr. Delegado e seu escrivão.

Entretanto, foi infructifera essa diligência visto como os grevistas mantiveram-se firmes no seu intento".⁵⁸

Os três exemplos demonstrados anteriormente, revela-nos as variadas formas de resistência ante um estado de desvio de proposições⁵⁹. Por outro lado, ou melhor no reverso da medalha, os italianos, especialmente dos primeiros tempos ou da primeira geração foram encontrando espaços para uma atuação segura e decisiva. Seus descendentes foram aos poucos assimilando-se ao novo ambiente, e até mesmo imiscuindo-se aos brasileiros ou membros de outras nacionalidades, através, seja do trabalho ou do casamento (principalmente os grandes comerciantes e agentes financeiros, veja os exemplos de Vito Cesarino, Prospero Armenio e Antonio Miraglia). Sem contarmos ainda, com o número expressivo de propriedades urbanas de vários imigrantes (exemplos, Angelo Nardini, Antônio Cezar, José Brenha, João Bardelli, Luiz Campana, Miguel Pessioli, Paulino Pardi, Carlos Faier, Paschoal Piragine, Paschoal Schifine, Paschoal Senise, Domingos Peccioli, entre outros). Esses italianos

⁵⁸ *Jahu Moderno*, Anno I, nº 15, 27/03/1913, p.1

⁵⁹ As três greves apresentadas revelam não somente a distância no tempo (1910, 1911 e 1913), mas também, o isolamento das greves rurais, dificilmente tornando-se em movimentos amplos. Excetuando o caso de Ribeirão Preto.

puderam incorporar-se a sociedade nacional, de forma legal, no começo da República com a possibilidade e obtenção da nacionalidade brasileira. Embora o espaço político decisório ainda estava longe de ver agregado a suas hostes, os imigrantes ou filhos destes.

Quanto à assimilação, adaptação e integração ao novo modelo sócio-econômico, existia um caso amplamente propalado de mobilidade social, que se tornou representativo da possível aquisição de terra pelo imigrante italiano, encontra-se registrado e exaltado por Thomas Holloway.

"Um exemplo mais pormenorizado é a história da família Marchetti, italianos que chegaram a São Paulo em 1888, trabalharam como colonos perto da cidade de Jaú, na zona Araraquarense, até 1895, e naqueles sete anos pouparam a considerável soma de doze contos de réis. A família era formada pelos pais, três filhos e uma filha, todos capazes de contribuir para a força de trabalho familiar. Em 1895, eles usaram oito contos de réis de suas economias para comprar trinta alqueires (sessenta e três hectares) de terra virgem, numa grande fazenda que estava sendo subdividida pelos herdeiros do antigo proprietário. Com o restante de seus fundos, pagaram a derrubada da mata e compraram sementes, alimentos, ferramentas e outros utensílios. A lida foi dura no início, mas, em 1898, já começavam a prosperar. Tinham dez alqueires plantados de milho, dos quais esperavam colher mais de uma centena de carros de grão, e dois alqueires de mandioca. Alimentavam sua vara de oitenta porcos com uma mistura de milho e mandioca, e as galinhas produziam de duas a oito dúzias de ovos

*por dia. Os Marchetti possuíam também uma grande plantação de batata, e um cafezal e um vinhedo já estavam plantados, mas ainda não havia produção."*⁶⁰

A assimilação nesse caso específico demonstrou-se completa e fundamental, defendendo a visão, que tudo dependia da firme proposição, objetividade, frugalidade, adaptabilidade, laboriosidade do imigrante e de extrema capacidade de integração ao meio. A família Marchetti contava com seis pessoas em idade de plena força de trabalho; famílias menos numerosas por seu turno, encontrariam muitas dificuldades para reproduzir o exemplo citado acima. E admoestando ainda, que nem todas as oportunidades, circunstâncias e situações apresentavam-se de forma única e acabada para todos os indivíduos e seus grupos familiares.

Algumas Considerações sobre o Legado deixado pelos Imigrante Italianos e seus descendentes

O papel desempenhado pela mulher imigrante junto ao núcleo familiar, tem sido um fraco alvo de interesse em diversos estudos. A mulher italiana serviu em primeira instância para dar a estrutura familiar daqueles que emigravam, um sentido de coesão e coerência. A figura da "*Mama italiana*", em nosso entendimento, não remete somente a agregação do núcleo familiar em torno da mesa, onde nos é brindado com seus quitutes: a macarronada, a pizza, a bracciola, a porpeta, os assados de carne, as saladas de verduras e de legumes, as

⁶⁰ HOLLOWAY, Thomas. Op.cit., p.216-7

sopas. Mas, sim como figura de proa da coesão familiar em todos os momentos, sejam eles de regozijo e felicidade, ou de doença e solidariedade. Mais do que isso, a mulher imigrante é exemplo de abnegação, de esforço redobrado de jornadas múltiplas, e possibilidade de ofensa moral e sexual por parte dos dirigentes da propriedade agrícola, para o ganho de independência econômica tão almejado na labuta do dia-a-dia. Essa mesma mulher, além da educação moral e religiosa dos filhos, da conduta ilibada do marido, propiciou a poupança necessária para a aquisição do tão rico sonho (*o pedaço de chão*). Contribuiu trabalhando, economizando, cuidando da casa, da roça de subsistência, da criação de animais (galinhas, porcos e vacas), na produção de hortaliças, na confecção de lingüiças e salames e mesmo trabalhando na casa do patrão, ou como camarada na colheita do café. Sua rotina, portanto, era massacrante, trabalhar na roça, cuidar dos filhos, cuidar da casa, lavar roupa em minas d'água, tirar água do poço, cuidar de animais e hortas, arrumar e passar roupas, costurar, e ainda fazer o fubá e preparar a polenta, e fabricar o pão e o macarrão. Além disso tudo, enfrentar o posicionamento machista de seu cônjuge e da sociedade (dominação masculina em todos os âmbitos).

Dois casos de espancamento dessas mulheres, foi constatado ao lermos os jornais da época. Esses dois casos aparecem por se tratar de exemplos quase extremos, que precisou da intermediação policial. Figura, que apesar de todo seu cotidiano aviltante e massacrante, a mulher imigrante ou suas descendentes ainda eram espancadas e obrigadas a sofrerem caladas.

"José Rosseto, colono da fazenda do Sr. Lourenço Avelino, acostumado a espancar a mulher Anna Rosseto. Ao chegar uma tarde do trabalho, e já pronto pra esbofeteá-la é surpreendido com tiros de espingarda mas nenhum acertando o alvo".⁶¹

O outro caso,

"A mulher de Paulo Belluca, aqui residente, queixou-se a polícia de que seu marido costuma maltratar a si e seus filhos".⁶²

Desse exemplo de luta, fica difícil divisar dentro da estrutura familiar: o papel de aglutinação desempenhado por esta mulher, seja como peça de resistência ou como assimilação aos destaques imperiosos do trato do meio. A questão encontra-se em aberto, para um possível estudo posterior.

Fora as agruras do dia-a-dia, os italianos, além das várias sociedades constituídas (as quatro citadas anteriormente, mais a seção jauense da Sociedade "*Dante Alighieri*" e a Sociedade Itália "*Victorio Emmanuele*"), contavam na virada do século XIX para o século XX, com várias bandas musicais, como a banda "*Giacomo Puccini*", que se apresentou pela primeira vez em 23 de Agosto de 1896, dirigida pelo professor e maestro Heitor Azzi, mudando o nome para "*Giuseppe Verdi*" em 1900. Nesse mesmo ano, é organizada outra banda com italianos e brasileiros recebendo o nome de "*Carlos Gomes*".⁶³

A socialização dos italianos dava-se de diversas formas, conjuntamente às várias sociedades e bandas musicais, eles reuniam-se em bares, barbearias, pensões, restaurantes, hotéis de propriedade de

⁶¹ *Commercio do Jahu*, Anno V, nº 462, 01/01/1913, p.6

⁶² *Commercio do Jahu*, Anno V, nº 592, 06/12/1913, p.2

⁶³ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. (1996) Op.cit., p.222

italianos para possíveis palestras (conversas), para bebericar (vinho e cerveja) e jogarem tômbola, bocha e carteadado (bisca, três sete e truco). Além das atrações dos circos, do Rink Rio Branco, dos teatros e mais para frente do cinema mudo.⁶⁴

A habilidade cultural e artística do imigrante italiano era inegável, dado suas manifestações e marcas deixadas na cidade de Jaú, e foram desenvolvidas em diversos planos: arquitetura, construção de frisos e fachadas de casas e casarões, pintura, trabalhos em mármore, marcenaria, carpintaria, jardinagem, música, canto, na educação, no jornalismo. Exemplo de manifestação artística singular e digna de nota eram as apresentações da cantora lírica Elza Munerato, filha de imigrantes italianos, que atualmente empresta seu nome para o Teatro Municipal de Jaú.

No rastreamento aos jornais da primeira metade da década de 10 (dez) do presente século, ao observarmos os vários editoriais, principalmente, dos jornais "*O Imparcial*" (João Cestari - proprietário) e seu sucessor "*O Jahu Moderno*", podia-se constatar diversos discursos ideológicos que pregavam contra a barbárie da guerra (1ª Guerra Mundial), contra a carestia de vida e a defesa de um povo cada mais sem vez e autonomia de voto e ainda a favor da industrialização, justamente em uma terra de franca vocação agrícola exportadora, como a cidade de Jaú. Mas, esta defesa do estabelecimento de indústrias não poderia cair no esquecimento. É precisamente o imigrante italiano, que irá desenvolver uma importante indústria de bebidas em Jaú (ou seus

⁶⁴ Síntese de idéias extraídas do depoimento de Durante, Nicola ao autor em 28/08/1999.

descendentes), são eles: Zugliani, Lorenzon, Chiozzi e Pavanelli. Após a Segunda Guerra Mundial, serão os descendentes de italianos (talvez dos sapateiros) que virão a desenvolver na cidade uma incipiente indústria de calçados, com todos os desdobramentos atuais desse setor (Jaú - Capital do Calçado Feminino), são eles: os pioneiros - Muzegante, Rosingnoli e Crozera. Apesar que esta história está melhor para ser contada ou estudada.⁶⁵

Quanto à conquista do poder público e do poder político na cidade de Jaú, somente em 1968, um descendente de imigrante italiano, ocupa a cadeira de Prefeito Municipal, Jarbas Faraco. Abrindo caminho, para em 1976 ser a vez de Alfeu Fabris e em 1988, Sigefredo Grizo. Na presidência da Câmara Municipal, somente em 1983, ocupará este cargo, Durval Fiorelli, de ascendência italiana.

Para se ter uma vaga idéia daquilo que representou a imigração italiana para a cidade de Jaú, fizemos o seguinte cálculo: dos novecentos e oito (908) logradouros públicos (ruas, avenidas, travessas e alamedas, sem contarmos as praças públicas) da cidade de Jaú, atualmente (1999) cerca de quarenta por cento (40%) foram denominados com nomes de imigrantes italianos e de seus descendentes. A denominação dos logradouros públicos é sancionada pela Câmara Municipal, ou seja, por uma instância do poder constituído do Município. Ainda, para a apreensão da magnitude desses números apresentados, cumpre salientar que os nomes dos imigrantes italianos e de seus descendentes estão confrontados com os

⁶⁵ Segundo depoimentos de Simioni, Maria e Durante, José Alberto ao autor em 16/10/1999.

nomes ou as figuras das grandes famílias-proprietárias da cidade, que dominaram a política local por quase cem anos (e tiveram alguns representantes na segunda metade deste século), com nomes de personalidades históricas do Império e da República, com datas significativas da História local, estadual e nacional, com nomes de santos, de Estados do Brasil, dos nacionais ou jauenses que se destacaram e de membros de outras nacionalidades.⁶⁶

Cumprir registrar também, que no campo cultural tem-se desenvolvido e fomentado, por iniciativas corajosas, algumas atividades enaltecendo traços cardeais da cultura italiana, como as óperas, através de apresentações valiosíssimas do Coral "*Renascer*", sob a direção de Daniela Zago e Amaury Renê. Duas figuras singulares no campo musical jauense, que ainda formaram recentemente, o Coral "*Magnificat*", para a apresentação de canções tipicamente italianas. São atos culturais da mais alta envergadura, em meio a um horizonte que não vislumbra o resgate da memória, ainda mais da memória coletiva, e que propiciam não somente o revisitar, mas o reviver em todos os sentidos, um época.

⁶⁶ Fonte: Catálogo Telefônico TELESP (Ano 1998) - Jaú e Região (160).

CONCLUSÃO

"Disertus magis quam sapiens"

(Mais loquas, do que prudente)

Cícero

A presença italiana na cidade de Jaú por volta do início do século XX, esteve marcada por um peso significativo, uma representação inconfundível, vários contrapontos nas diferenciadas atuações. Enquanto, uma parcela desses italianos conseguiram adaptar-se ao novo cenário da vida, por outro lado, muitos de seus membros reproduziram nessas terras, uma cultura de resistência frente às adversidades, insuficiências e descaminhos em seus horizontes de expectativas.

Vimos, que os emigrantes italianos deixaram seu país, na tentativa de encontrar um espaço para a atuação de sua laboriosidade, onde fosse permitido que o trabalho e a coesão familiar caminhassem juntos. De seu ingresso na Grande Lavoura Cafeeira Paulista, mais especificamente na lavoura cafeeira jauense, pudemos perceber o traço indistinto de sua cultura em confronto com a cultura estruturada (culturalmente arraigada) do meio rural da época, quando mostrou-se decisivo nas diversas modalidades empreendidas. O trabalho no campo, no desenvolvimento do meio urbano, as casas comerciais, a pequena manufatura, os músicos, médicos, professores, artistas, operários irão compor um substrato social em uma sociedade estratificada de um contexto de capitalismo periférico e dependente.

Com o crescimento da cidade de Jaú, e a diversificação das ocupações econômicas e reposicionamento das classes sociais, esse pretense "substrato médio", que os imigrantes italianos e seus descendentes farão parte, muito díspar e amorfo, irão intercambiar as relações entre as várias classes sócio-econômicas do município. Seja através da inserção e adaptação a esta nova lógica, ou na resistência ante a dominação econômica, social, política e ideológica das famílias-proprietárias. Para isso, desenvolveram suas peças de resistência, nas greves, paralisações, reivindicações trabalhistas, manifestações cívicas, no jornalismo combativo e oposicionista, no recôndito de suas sociedades de auxílio mútuo, ou mesmo na sociabilidade em seus recantos de moradia e lazer.

O papel desempenhado pelo imigrante italiano e seus descendentes na sociedade jauense, além do trabalho e da esfera econômica, permitiu o estabelecimento das manifestações artísticas e das idéias anarquistas e libertárias, apesar de sua repressão. Deixaram uma marca irrefutável e personalizada de sua cultura, de trabalho e de luta, e a atuação e introdução de novos elementos à sociedade jauense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

a) Artigos

ALMANACK DO JAHU para o ano de 1902. Jahu, Editado pelo

Correio do Jahu, 1902

CATÁLOGO TELEFÔNICO TELESP (1998) - Jaú e Região (160)

COMMÉRCIO DO JAHU, ANNO II, nº 156, 12/02/1910

nº 169, 02/04/1910

nº 180, 11/05/1910

nº 194, 29/06/1910

nº 196, 20/07/1910

COMMÉRCIO DO JAHU, ANNO III, Maio de 1911 (Listagem do

Imposto Predial)

Nº 305, 21/06/1911

Nº 355, 13/12/1911

ANNO IV, Nº 373, 16/02/1912

Nº 443, 26/10/1912

ANNO V, Nº 462, 01/01/1913

Nº 504, 13/05/1913

Nº 507, 20/05/1913

Nº 592, 06/12/1913

ANNO VI, Nº 610, 17/01/1914

Nº 619, 07/02/1914

Nº 657, 09/05/1914

Nº 667, 02/06/1914

JAHU MODERNO, ANNO I, Nº 15, 27/03/1913

Nº 22, 20/04/1913

Nº 26, 04/05/1913

Nº 29, 15/05/1913

COMMÉRCIO DO JAHU, Caderno Especial - A marca do café,
15/08/1999.

b) Livros

ALVIM, Zuleika Maria Forcione. *Brava Gente - os Italianos em São Paulo*. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

_____. *O Brasil Italiano*. IN: FAUSTO, Boris.
Fazer a América. São Paulo: Edusp, 1999.

BEIGUELMAN, Paulo. *A Formação do Povo no Complexo Cafeeiro - aspectos políticos*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1977.

BONI, Luiz Alberto (Org.). *A Presença Italiana no Brasil*. Vol. III. Porto Alegre; Torino: Edições Est; Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

CLARO, Waldo. *Jaú - A Semente e a Terra*. Jaú: Comércio do Jahu, 1999.

FAUSTO, Boris. *Historiografia da Imigração Italiana para São Paulo*. São Paulo: Editora Sumaré, 1994.

PERROT, Michele. *Funções da Família*. IN: DUBY, George *História da Vida Privada*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras.

STOLCKE, Verena. *Cafeicultura*. S. Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

TOMÁS, Omar Ribeiro. *Antropologia e Mundo Contemporâneo*. IN: LOPES DA SILVA, GRUPIONI, LD (Org.). *A temática Indígena na escola*. Brasília: MEC, 1995.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico - um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Editora Nobel, 1989.

c) Relatos orais e depoimentos escritos:

DURANTE, Nicola ao autor em 28/08/1999

DURANTE, José Alberto ao autor em 16/10/1999

SIMIONI, Maria ao autor em 16/10/1999

ERRATA

PÁGINA	LINHA	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
Agradecimento		Graziela	Graziela
Agradecimento		demonstrado	demonstrador
Agradecimento		Ao meu irmão	A
15	1	1870	1850
16	1	e postos	de postos
16	10	Aluim	Alvim
32	9	são	São
37	Nota de rodapé n° 30	1990	1977
52	5	esta	está
65	Epigrafe da conclusão	loquas	loquaz
65	14	indistinto	distinto
68		Comércio	Comércio
70		Funções da	Funções de